

VOLUME 2

**ÉTICA E
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO:**

SUBSÍDIOS

anped

**ÉTICA E PESQUISA
EM EDUCAÇÃO:**

Subsídios

VOLUME 2

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Organização do e-book

Comissão de Ética em Pesquisa da ANPEd
(2015-2019)

Coordenação editorial

Jefferson Mainardes (UEPG)

Tiragem

E-book (PDF)

Diagramação e acabamento

Dyego Marçal

Capa e projeto gráfico

Dyego Marçal

Revisão

Janete Bridon
Amanda Demétrio dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Et84 Ética e pesquisa em Educação [recurso eletrônico]: subsídios – volume 2 / Comissão de Ética em Pesquisa da ANPEd. – Rio de Janeiro: ANPEd, 2021.

1 recurso online.

Vários autores.

Modo de acesso: World Web Wide

Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-85-60316-18-2 (obra completa)

ISBN: 978-85-60316-20-5 (volume 2)

1. Ética – Educação. 2. Pesquisa educacional. 3. Ética – Princípios gerais. I. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Comissão de Ética em pesquisa. II. Título.

21-017

CDD – 370.112

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Publicação digital – Brasil

1ª edição – julho – 2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

**ÉTICA E PESQUISA
EM EDUCAÇÃO:**

Subsídios

VOLUME 2

GESTÃO “ANPEd, PRESENTE!”

Diretoria - Biênio 2019-2021

Presidenta: Geovana Mendonça Lunardi Mendes (UDESC)

Vice-Presidentes:

Vice-Presidente Norte - Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA)

Vice-Presidente Nordeste - Claudio Nunes (UESB)

Vice-Presidente Centro-Oeste - Miriam Fábila Alves (UFG)

Vice-Presidente Sudeste - Valdete Côco (UFES)

Vice-Presidente Sul - Maura Corcini Lopes (UNISINOS)

Primeira Secretária: Maria Luiza Sússekkind (UNIRIO)

Segundo Secretário: Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR)

Diretora Financeira: Maria Beatriz Luce (UFRGS e UNIPAMPA)

Membros do Conselho Fiscal:

Titulares: Magna França, Maria de Fátima Cardoso Gomes e Mário Luiz Neves de Azevedo.

Suplentes: Fabiany de Cássia Tavares Silva, Iria Brezezinski e Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel.

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA – ANPEd (2020-2021)

Portaria nº 003/2020, de 25 de agosto de 2020

Membros Titulares:

Isabel Cristina de Moura Carvalho (PPGE/UFMG)

Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA) – Representante da Diretoria

Jefferson Mainardes (UEPG) – Presidente

João Batista Carvalho Nunes (UECE)

Mônica de la Fare (PUC/RS)

Sandra Fernandes Leite (UNICAMP)

Membros Suplentes:

Fernanda Müller (UnB)

João Luiz da Costa Barros (UFAM)

Sônia Aparecida Siquelli (USF)

AVALIADORES AD HOC DESTE VOLUME:

Angela Maria Scalabrin Coutinho (UFPR)

Bruno Antonio Picoli (UFFS)

Eduardo Vianna (CUNY - New York)

Fernanda Müller (UnB)

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel (UNEB)

Isabel Cristina de Moura Carvalho (UFMG)

Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA)

João Batista Carvalho Nunes (UECE)

Monica de la Fare (PUC/RS)

Pedro Savi Neto (PUC/RS)

Sandra Fernandes Leite (UNICAMP)

Sônia Aparecida Siquelli (USF)

Vanessa Jakimiu (UNESPAR)

Wivian Weller (UnB)

CONTATO: eticanapesquisa@anped.org.br

SUMÁRIO

PARTE 1 Verbetes

- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 13 **ALTERIDADE E ÉTICA NA PESQUISA**
Ivanilde Apoluceno de Oliveira
- 20 **ÉTICO-ONTOEPISTEMOLOGIA ATIVISTA: PESQUISA E ESTUDO DE RESISTÊNCIA**
Anna Stetsenko
- 31 **COMPROMISSO E POSICIONAMENTO: ÉTICA EM PESQUISA ATIVISTA TRANSFORMADORA**
Eduardo Vianna, Anna Stetsenko
- 41 **DEVOLUTIVA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AOS PARTICIPANTES: PRINCÍPIOS ÉTICOS E VALIDAÇÃO SOCIAL**
Márcia Denise Pletsch, Flávia Faissal de Souza
- 47 **INTEGRIDADE NA PRÁTICA CIENTÍFICA**
Paulo Peixoto
- 56 **AVALIAÇÃO DE PROJETOS EM AGÊNCIAS DE FOMENTO**
João Ferreira de Oliveira
- 63 **ÉTICA NA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA**
Alexandre Filordi de Carvalho
- 71 **PERIÓDICOS E EDITORAS PREDATÓRIAS**
Ângelo Ricardo de Souza
- 79 **OS/AS PESQUISADORES/AS E O SISTEMA CEP/CONEP**
Isabel Cristina de Moura Carvalho
- 87 **PAPEL DOS ORIENTADORES/AS NA FORMAÇÃO ÉTICA DE SEUS ORIENTANDOS/AS E PARA A ÉTICA EM PESQUISA**
Mônica de la Fare, Pedro Savi Neto
- 94 **ÉTICA NO ENCONTRO COM BEBÊS E SEUS/SUAS CUIDADORES/AS**
Vanessa Ferraz Almeida Neves, Fernanda Müller
- 102 **ENSINO (SUPERIOR) REMOTO EMERGENCIAL: QUESTÕES ÉTICAS**
Carla Bianca Angelucci, Marcos Garcia Neira, Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, Rosenilton de Oliveira, Rosângela Gavioli Prieto, Vinício de Macedo Santos
- 111 **REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NAS ORIGENS DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
Sandra Fernandes Leite
- 124 **O COMITÊ DE ÉTICA EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO: UMA HISTÓRIA DE LUTA E PROTAGONISMO**
Mônica Pereira dos Santos

- 137** **CAPÍTULO 15**
**O COMITÊ DE ÉTICA EM HUMANAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL FLUMINENSE: O LUGAR DA EDUCAÇÃO**
Marcos Marques de Oliveira
- 149** **CAPÍTULO 16**
**CONSTITUIÇÃO E DESAFIOS ENFRENTADOS POR
UM COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA “MULTIDISCIPLINAR”:
RELATO SOBRE O CEP-IB-RC (2002-2014)**
Rosa Maria Feiteiro Cavalari
- 158** **CAPÍTULO 17**
**UMA DÉCADA DE TRABALHO NO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA: EXPERIÊNCIAS DE COORDENAÇÃO
DE UM COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS**
Claudemir de Quadros
- 172** **CAPÍTULO 18**
**O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PERNAMBUCO: 25 ANOS EM DEFESA DA SOCIEDADE**
Adriana Maria Paulo da Silva, Saulo Feitosa
- 182** **CAPÍTULO 19**
**TRAMITAÇÃO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA
EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL:
ENTENDIMENTOS E CONTROVÉRSIAS**
Rodrigo Lages e Silva
- 193** **CAPÍTULO 20**
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA:
EXPERIÊNCIAS MULTIDISCIPLINARES E APRENDIZAGENS**
*Gabriela Sousa Rêgo Pimentel, Raphael Rodrigues Vieira Filho,
Warley Kelber Gusmão de Andrade*
- 203** **CAPÍTULO 21**
**A EXPERIÊNCIA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAZONAS**
João Luiz da Costa Barros
- 214** **CAPÍTULO 22**
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS: RELATO E REFLEXÕES DE UM PARTICIPANTE**
Ademilson de Sousa Soares
- 228** **CAPÍTULO 23**
**REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM COMITÊ DE ÉTICA
EM PESQUISA: O DESAFIO DE PENSAR A PRÓPRIA PRÁTICA**
Tânia Regina Lobato dos Santos
- 242** **CAPÍTULO 24**
BIBLIOGRAFIA SOBRE COMITÊS DE ÉTICA EM PESQUISA
Jefferson Mainardes
- 252** **CAPÍTULO 25**
**RELATÓRIO DO ACOMPANHAMENTO DO TRÂMITE DO PROJETO
DE LEI 7082/2017 – SISTEMA NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA
CLÍNICA COM SERES HUMANOS**
Sandra Fernandes Leite, Sônia Aparecida Siquelli
- 278** **SOBRE OS/AS AUTORES/AS**

CAPÍTULO 7

ÉTICA NA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA

Alexandre Filordi de Carvalho
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Epistemólogos e filósofos da ciência possuem um consenso: a ciência não é onímoda. Bachelard (1978, p. 7) argumentou que a ciência deveria ser uma espécie de “[...] filosofia aberta, como a consciência de um espírito que se funda trabalhando sobre o desconhecido, procurando no real aquilo que contradiz conhecimentos anteriores”, a partir da qual a ciência se transforma, se renova e supera seus próprios condicionantes.

A ciência, desde então, pode ser concebida como experiência *mutatis mutandis* de como a razão, repugnando o arbítrio de sua própria nomeação, conforme sugere Saint-Sernin (1998), produz instrumentos de mediar a condição humana em múltiplas perspectivas, com domínios singulares de conhecimentos e de suas finalidades. A ciência, assim, são ciências; expressão do modo de ser fundamental das empiricidades que tiveram e ainda persistem em ter lugar na finitude existencial daqueles que vivem, pensam e trabalham, como a arqueologia das ciências humanas empreendida por Foucault (1999). De todo modo, “[...] a ciência é tão só *um* dos muitos instrumentos que as pessoas inventaram para lidar com seu ambiente. Não é o único, não é infalível e tornou-se poderosa demais, atrevida demais e perigosa demais para ser deixada por sua própria conta” (FEYERABEND, 2011, p. 211, grifo do autor). Por isso, tanto para Chalmers (2010) quanto para Singer (2005) e Stengers (2015), a ciência é chamada a uma observância ética, à qual a publicação científica se vincula, respeitando as circunstâncias valorativas de seu tempo.

A ética na publicação científica supõe os sentidos próprios de determinada comunidade científica, do contrário, ela se dissolveria. Embora os valores produzidos, circulados e defendidos pelas práticas de uma comunidade científica se modifiquem histórica e socialmente, eles são adstritos à intencionalidade precípua de sua finalidade condicionada aos umbrais seculares. Produzir, promover, divulgar, indagar, revisar, atualizar, fornecer resultados, inovar e celebrar conhecimentos e práticas científicas aí se circunscrevem. A publicação científica é o duplo da comunidade científica: faz avançar as ciências por meio de vínculos epistêmico-comunitários na medida em que, em uma lógica de cumplicidade, fortalece o quadro científico de sua comunidade.

Esposito (2002, 2010) dá a saber que toda comunidade é uma associação humana dotada de *munus*. A polivalência etimológica de *munus* denota a riqueza teórica a perpassar o sentido de *communitas*. Pertencer a uma comunidade, estar no seu *cum munus*, envolve mútua pertença,

partilha, concórdia e relação com tudo aquilo que o *munus* abrange: “cargo”, “ofício”, “dever”, “dom”, “talento” e “graça”, que, por sua vez, assinalam reciprocidade entre disposição individual em confiar seu *munus* ao *comum* e este em acolhê-lo como forma de fortalecimento da própria comunidade.

A refrangibilidade ao comunitário ocorre quando emerge a figura daqueles que, fora do pacto do *munus*, tornam-se figuras imunes ao sentido valorativo comum. Os imunes são os *immunitas*, isto é, os que não têm, os que não querem ter ou aqueles a quem foram negados e privados do *munus*. Toda comunidade se fortalece reforçando seu sentido comum enquanto se desvia dos que se pretendem imunes a ela, além de se ter em consideração estratégias que visem a abordar a refração ao *munus* para, então, permitir o seu acesso à comunidade. Paradoxalmente, a comunidade imuniza-se contra os *immunitas*; e os *immunitas* precisam ser imunizados contra a sua imunização.

Nesse veio, toda e qualquer publicação científica, uma vez adstrita ao “interior de uma disposição epistemológica”, nos termos de Foucault (1999, p. 360), tem seu lastro produtivo no indissociado cenário do autor, de seus pares e do público, porém remarcado pela própria sustentação, por exemplo: do “dever”, do “ofício” ou do “talento” do *munus* que circula na comunidade científica. Logo, a ética repercute na produção científica, pois abrange toda postura, toda conduta, todo propósito, toda ação, todo afeto e toda resposta de todas aquelas e de todos aqueles que congregam o sentido *comum* de pertença à comunidade científica. Não é sem razão, e é para isso que existem marcadores, referenciais, parâmetros e perspectivas comunitários: para que ninguém se considere ou se presume imune ao sentido da *conservatio comunae*.

Sem embargo, em uma sociedade cuja sanha pela economia do conhecimento prevalece, entendida por Stengers (2015) como reorientação das políticas científicas sob o servilismo produtivista, materialista, rentável e, muitas vezes, cooptadas pelos setores produtivos privados, a ética emerge como estratégia e manifestação de postura e de conduta a fim de delimitar a excessiva vontade de *imunização* contrária aos valores próprios da comunidade científica.

Ética aqui, contudo, não é um “novo surto de preceituação incondicional” (LIPOVETISKY, 2005, p. 199). Trata-se, ao contrário, do vínculo consciente desde “o duplice dom da liberdade e da ação”, como bem reforçou Arendt (2007, p. 220), que cada indivíduo pode estabele-

cer com a realidade a que pertence. No caso, a realidade da comunidade científica com o seu *munus*. É ética, assim, toda ação advinda da autopoisição na responsabilidade de si com o outro. Autopoisição que assinala para a liberdade volutiva de se querer pertencer à determinada comunidade científica, responsabilidade que subscreve a intencionalidade mútua de pertencimento. Nesse sentido, a indagação “o que se deve fazer?”, como nos interpõe Descombes (2004, p. 222), assinala para a consideração de todos os critérios de estilo, de forma de verdade, de racionalidade, de procedimento, claro está, frutos das escolhas humanas, manifestados, porém, no ato social e na situação dos direitos e dos deveres de cada um com a sua esfera coletiva.

Não obstante ao fato de que “[...] cada área do conhecimento deve ser julgada pelos próprios méritos, pela investigação de seus objetivos e em que extensão é capaz de alcançá-los” (CHALMERS, 2010, p. 211), em termos gerais de publicação científica, cada autoria vê-se ligada aos valores da comunidade científica a qual se dedica. Desse ponto de vista, há uma dimensão ética de troca guiada, ou melhor, a disposição consciente em que “[...] alguns ou todos [os] participantes adotam uma tradição bem específica e aceitam apenas aquelas respostas que correspondem a seus padrões” (FEYERABEND, 2011, p. 289). No entanto, como toda expressão científica denota sua situação histórica, além “dos jogos de verdade que obedecem” (FOUCAULT, 2014, p. 90), não sendo nem infalível e tampouco alheia às políticas de suas ocupações, a comunidade científica “[...] tem à sua disposição uma variedade de maneiras de mudar a situação, quer gostem ou não” (CHALMERS, 2010, p. 211). Equivale dizer que há uma ética de trocas abertas em toda produção científica, a saber: a possibilidade de uma comunidade científica rever o ponto das “ideias, percepções e visões de mundo” passíveis de serem modificadas, como assinalou Feyerabend (2011, p. 289) em *Contra o método*.

Ora, o axioma ético geral pode ser sintetizado na seguinte ideia: “[...] a vida ética é uma escolha baseada na interpretação e no compartilhamento existencial” (BERARDI, 2020, p. 200). A publicação científica, assim, inspira o compartilhamento de sentidos e de valores de sua comunidade, ainda que possa dialogar contra ela. O fundamento da boa conduta na publicação científica, por extensão, seria fruto da posição das trocas guiadas, compactuadas ao longo da comunidade científica e de seus objetivos comuns, porém passíveis de serem reconsideradas apenas quando possíveis negociáveis se dão pela troca aberta comunitária, mas

não pela imposição individual, reduzida, neste caso, à disformidade da autopercepção comunitário: a má-conduta.

A função da ética na publicação científica é corolário do fato de que não há sociedade nem comunidade de normas perfeitas. Do contrário, a ética seria desnecessária como *práxis* de escolhas existenciais, de compartilhamentos existenciais, de ensejo de valoração e de vínculos almejados. Somente é ética, então, a publicação científica que elabora sobre si a relação constante entre seu vínculo com o fazer ciência e o ato de publicizá-la sob o coeficiente de seus sentidos comunitários.

É sob essa ótica que se situam o *Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), publicado em 2011, o qual aborda a relação ética e a integridade na prática científica; a sessão *Boas Práticas* da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (2021); os parâmetros e as declarações de princípios do *Global Research Council – GRC* (2020); ou o índice de transparência para publicações científicas, *Transparency Index* (T.I.), da organização *Retraction Watch – RW* (2021a) – Observatório de Retratação que visa a combater más condutas na publicação científica. As causas comuns aí situadas não se dissociam do cenário predatório de competitividade acadêmica e das buscas por resultados imediatos, muitas vezes acumpliciados por setores inteiros que manejam interesses escusos nas publicações científicas. Os atalhos e os desvios éticos quase sempre almejam sobrepujar o próprio ato ético da publicação científica.

Como se pode verificar, foi o número de casos cada vez mais acentuado de más condutas em publicação científica que se permitiu elaborar até 100 situações combatidas pela comunidade científica (RW, 2021b). Dentre elas, destacam-se as mais praticadas: a) recurso de plágio e de autoplágio, podendo ser direto – apropriação literal – ou indireto – reprodução de ideias ou asserções com outras palavras; b) fraude na produção ou na interpretação de dados, na manipulação de imagens ou de índices; c) sabotagem de métodos e imprecisão analítico-metodológica; d) auto-citação ou citação endógena como mera forma de promover índices de impacto; e) violação ética por falta de consentimento quando se trata de pesquisas com seres humanos.

Uma vez que se pactua para a publicação científica condicionantes que funcionam como compromissos éticos adotados de forma comum, justamente para abrigar a sua integralidade, é mister supor que cada autoria deve se responsabilizar com o pacto feito dentro de sua própria co-

munidade científica. Ainda assim, em uma “[...] sociedade cuja norma é a procura tacaña do próprio interesse material” (SINGER, 2002, p. 333), além da vontade de autopromoção narcísico-acadêmica (CAMPBELL; TWENGE, 2013) e da lógica predatória da competição extremada (CHAMAYOU, 2020), sublinhando as inclinações individualistas por disputa de espaço consagrados ao “empreendedorismo de si mesmo”, nos termos de Rose (2011, p. 211), nem sempre a sensatez concede pacto ético. E são muitos os que se sentem imunes.

Nessa situação, é a própria qualidade científica que está em causa, correndo o risco de se soçobrar quando a contaminação do conhecimento científico opera fora dos circuitos dos afetos e das ações éticas. Dão testemunho disso: a) publicações que comprometem a integridade da revisão da literatura científica; o uso de textos fora do contexto; a desconsideração com fontes primárias; b) fracionamento de resultados almejando inflacionar o acúmulo quantitativo de publicação; c) publicações endógenas sem critérios mínimos de revisão “duplo-cega” ou entregues sob encomenda de compadrio acadêmico, responsáveis por gerar uma contaminação de conhecimento de baixa qualidade; d) publicações em periódicos predatórios; e) publicações pagas e editorializadas com a cumplicidade no relaxamento do rigor científico ou até mesmo destituídas de comissão científica isenta; f) apadrinhamento de publicação relevando condições de rigor *ad hominem*, quer seja por autoria presenteada, dando crédito a autores que não contribuíram efetivamente na produção da publicação, quer seja fazendo vistas grossas ao escrutínio do rigor científico em detrimento de fama de um/a determinado/a autor/a, produzindo textos no modo da impostura; g) sujeição epistemológica destituída de autocrítica e de referenciais teóricos pertinentes, por vezes implicando em vieses interpretativos e propositivos; h) assédio moral, valendo-se de hierarquia, capaz de interferir com parcialidade na publicação científica.

A publicação científica, entretanto, é uma forma de engajamento no mundo; de produzirem-se acontecimentos que incidem sobre a história e a sociedade às quais se pertence e que também se almeja; de ritualizar a coragem da verdade como procedimento científico que, minimamente desde Sócrates, dá a vida pela verdade, sem menoscabar a sua implicação com a ordem dos saberes, dos poderes e das discursividades que assume. O desprezo pela ética que a publicação científica está sujeita se inscreve no mesmo patamar daquele que a humanidade padece quando vê a própria condição humana correndo o risco de ter aniquilada a condição de

pertencimento mútuo, confiante e equilibrado à própria comunidade humana. Quem se considera imune ao bem comum, eivado pelos valores da publicação científica, é capaz de tudo, menos de querer afirmar o seu pertencimento à comunidade que pretensamente pensa confiar o seu *munus*, quando na verdade está insultando-a e desmoralizando-a.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre passado e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BACHELARD, G. **Coleção “Os pensadores”**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BERARDI, F. **Asfixia**. Capitalismo financeiro e insurreição da linguagem. São Paulo: UBU, 2020.
- CAMPBELL, W. K.; TWENGE, J. M. **The narcissism epidemic**. Living in the age of entitlement. New York: Atria, 2013.
- CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CHAMAYOU, G. **A sociedade ingovernável**. Uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: UBU, 2020.
- CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Ética e integridade na Prática Científica**. Brasília: CNPq, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3wueU6g>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- DESCOMBES, V. **Le complément de sujet**. Enquête sur le fait d’agir de soi-même. Paris: Gallimard, 2004.
- ESPOSITO, R. **Immunitas**: protezione e negazione della vita. Turim: Einaudi, 2002.
- ESPOSITO, R. **Bios**. Biopolítica e Filosofia. Lisboa: Edições 70, 2010.
- FAPESP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **Revista Pesquisa**. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/panorama-das-retratacoes/>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **O governo dos vivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GRC. Global Research Council. **Statement of Principles on Mission-Oriented Research**. 2020. Disponível em: https://www.global-researchcouncil.org/fileadmin/documents/GRC_Publications/Sof/new_logo_2020_GRC_FINAL_Statement_of_Principles_Mission-oriented_Research.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. São Paulo: Manole, 2005.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**. Psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

RW. Retraction Watch. **The Retraction Watch Transparency Index**. 2021a. Disponível em: <https://retractionwatch.com/the-retraction-watch-faq/transparencyindex/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

RW. Retraction Watch. **Retraction Watch Database User**. 2021b. Disponível em: <https://retractionwatch.com/retraction-watch-database-user-guide/retraction-watch-database-user-guide-appendix-b-reasons/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SAINT-SERNIN. **A razão no século XX**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SINGER, P. **Vida ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. Resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: CosacNaify, 2015.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

ADEMILSON DE SOUSA SOARES

Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Doutor em Educação (UFMG).

ADRIANA MARIA PAULO DA SILVA

Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Mestra em Educação (UFF) e Doutora em História (UFPE)
Ex-coordenadora e atual vice-coordenadora do GT 02 (História da Educação) da ANPEd.

ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO

Professor da Universidade Federal de Lavras e Professor do PPGE da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Mestre em Educação (Unicamp), Doutor em Filosofia (USP), Doutor em Educação (Unicamp) e Pós-Doutor em Educação (Universidad Complutense de Madrid).
Coordenador do GT - 17 de Filosofia da Educação

ÂNGELO RICARDO DE SOUZA

Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Mestre e Doutor em Educação (PUSC-SP).

ANNA STETSENKO

Professora da The City University of New York - Graduate Center (CUNY)
Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (Moscow State University)